

Estética dos afetos: de que forma tu me tocas?¹

Aesthetics of affects: how do you touch me?

PAOLA CRISTIANE SCHROEDER DOS SANTOS²

Evoquei um grito grego, mas o que me vem é um longo suspiro. Ah... o afeto, esse amálgama dos encontros, uma mistura muitas vezes decodificada, mas inalienável a todo e qualquer corpo. Por que te sacrificaram tanto em nome da razão quando tu és fonte de vida e morte, quando tu és a razão incompreendida? Se te desvelar é o movimento da própria felicidade, por que tantos fogem de ti? Dos afetos que levam tempo, das moradas artificiais, ou não, que residem no exercício hercúleo de manter uma planta viva sem sol, mas também daqueles que nos partem feito um raio e nos despertam para a vida. Este outro que não se reduz a teorias, que de alguma forma nos toca, e muitas, muitas vezes sem o sabê-lo direito, mas do que interessa sabê-los se a mente é a ideia do corpo, o que me importa é saber... por que me tocas assim? Sei que quando meu corpo e teu corpo se encontram, ideias brotam e deslizam feito gotas a agarrar a carne. Minha boca se abre em sorrisos, por vezes minha testa franze e em alguns momentos até outras tantas gotas produzo, mesmo sem a reação visível do meu corpo, meu pensamento desenrola, e deságua e de repente topa com um grande abismo. Quem és tu? Tu e tantos outros que me tocam, me tocam, me tocam. Quem sou eu de tanto ser tocada? O afeto não pode ser representação de uma ideia, isso acabaria, acabaria... na verdade isso nunca iria para frente. Hoje conheci uma parte do meu corpo, tu me afetaste tanto que descobri coisas dele que eu nunca teria condições de intuir, imaginar e nem toda Biblioteca de Alexandria me traria esse conhecimento. Delirei, suspirei e me perdi. Aquela parte nem parecia ser minha. E quase que num rompante eu compreendi, assim se foram as lágrimas, as dores e lá estava aquela parte desconhecida do meu corpo. Não, não foi durante a tristeza que reconheci

¹Escrito realizado a partir da pesquisa de iniciação científica voluntária intitulada A Estética dos afetos em Deleuze e Spinoza com a orientadora professora doutora Ester Maria Dreher Heuser, Unioeste, campus Toledo.

² Graduanda em Filosofia; aluna do curso de licenciatura em Filosofia da UNIOESTE, Centro de Ciências Humanas e Sociais, campus de Toledo, integrante do PET Filosofia e bolsista CAPES. E-mail: paola_sch@hotmail.com

em mim aquele pedaço. Da morada que fiz o teto caiu sobre mim e eu pude ver o universo condensado em pontinhos longínquos que foram se aproximando, se aproximando e de repente eu era um astro minúsculo, quase medíocre de tão ínfimo, mas que também brilhava. Sim, há que se estar sempre atento aos encontros, pois o afeto, meu caro, é um pensamento em si mesmo e quando tu não souberes de onde vem esse pensamento, tu, tu mesmo estarás refém de outros corpos. Subjugado aos afetos alegres ou tristes que não pedirão licença para te tocar. Pois que o grito veio acompanhado e ecoam escurecendo os ventos de uma única rosa. A morte de um, de dois, de milhares de corpos e a desintegração de um povo assombra a cama do hospital. O cheiro da dor me alcança do outro lado do mundo e meu corpo também grita paralisado, implorando para ir embora. A mente permanece como um fio finíssimo que se prende à vida enquanto a boca balbucia palavras que ninguém entende, mas que insisto em tentar dizer. Quem te toca? Todos e tudo. Estou tão cansada, não suporto mais carregar tantas dores. E estes fantasmas que vagam pela terra incólumes, sem derrubar uma única lágrima, a deixam cada dia mais árida. Sem corpo eles seguem moventes da razão, e quanta razão cabe em uma mente desconectada. Suas línguas se mexem na boca com a eloquência de um sábio e suas palavras brilham como ouro falso. Nenhuma das medidas está correta. Nem a minha, nem a deles. É preciso uma justa medida de afetos para que as ideias não se percam e se virem contra a própria vida ou a dos outros. Seremos sempre tocados, mas o que realmente importa é, de que forma tu me tocas?

2

Submissão; 12. 04. 2024

/

Aceite: 30. 04. 2024